CRITIQUE SACRA

NÚMERO 1

Sacra Experiência

2026

CRITIQUE

NÚMERO 1

Sacra Experiência

Natal, 2026

EXPEDIENTE

Critique
Revista de ensaios. Publicação bimestral.
Vol. 1, No. 1 (2026) — *Sacra Experiência* — setembro de 2026.

EDITOR RESPONSÁVEL
Róbson H. de A. Batista
ORCID 0000-0002-7705-2664
CONSELHO EDITORIAL
Róbson H. de A. Batista
ORCID 0000-0002-7705-2664
Rafael Duarte Falcão
ORCID 0000-0003-0284-7865
CAPA
Lucas Baldassarre
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Róbson H. de A. Batista
REVISÃO
Rafael Duarte Falcão

EDITORA
Editora Critique
CNPJ 51.943.681/0001-62
ENDEREÇO
Av. Sen. Salgado Filho, 1718, sala 1104
Tirol — Natal — RN — 59022-000
Brasil
CONTATO
revista@editoracritique.com.br
https://editoracritique.com.br/revista
ACESSO
Publicação eletrônica de acesso aberto e gratuito.
Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores.
Os autores mantêm os direitos sobre seus textos e concedem à *Critique* o direito de primeira publicação, sob licença Creative Commons CC BY-NC-ND 4.0.



SUMÁRIO

ABERTURA

Editorial 5

I. A NASCENTE

Psicanálise, enteógenos e respiração holotrópica 8
Róbson H. de A. Batista

II. TRAVESSIAS

Morrendo para renascer 10
Brena Maria
Relato de travessia 11
Maria Eduarda
Cadernos de consagração, I–II 12
Carlos Villanova
Relato de experiência enteógena: Wachuma 14
Róbson H. de A. Batista

III. A TERRA COMO CORPO

A herança colonial e a exploração da natureza 16
Radamés Escócio

IV. O SAGRADO NO ORDINÁRIO

Amido mal intencionado 18
Maria Eduarda
Construções em análise: desconstruindo o patriarcado 20
Maria Eduarda

V. ELABORAÇÕES

Todas as grandes realizações humanas transbordaram 23
Rafael Falcão
Pra que serve uma psicanálise? 25
Róbson H. de A. Batista

FECHO

Portais, vozes e respiração 27
Maria Eduarda

Editorial

Uma revista que se chama *Critique* tem de saber o que está fazendo. O nome é o de uma publicação fundada em Paris, em 1946, por Georges Bataille — e não haveria como usá-lo por acaso. Não o herdamos por filiação nem por programa; tomamos emprestada apenas a suspeita que o sustentava, a de que o pensamento começa onde a experiência excede aquilo que se sabe dizer dela. Bataille chamava isso de experiência interior e recusava nomeá-la de outro modo. Nós a encontramos, aqui, sob outra palavra.

Sacra experiência: a expressão é redundante e por isso funciona. Toda experiência, quando é de fato experiência, tem algo do sagrado — no sentido estrito de separado, apartado, aquilo que não se deixa converter na moeda corrente do sentido comum. É o que acontece no divã, no rito, na doença, na noite mal dormida, na comida que se come sozinho. O que reunimos neste número não são relatos sobre o sagrado. São escritos feitos a partir de um lugar onde alguma coisa aconteceu e onde a linguagem chegou depois, atrasada, tentando alcançar.

A *Critique* publica psicanálise, filosofia, arte e política, e mantém aberta a distância entre esses nomes. Não somos uma revista de psicanálise que admite outros temas nem uma revista de filosofia com interesse clínico. O que autoriza a convivência é a aposta de que essas práticas compartilham um mesmo impasse: todas lidam com aquilo que resiste à formalização e mesmo assim exige ser pensado. É um impasse produtivo. Vive-se bem nele.

Este primeiro número foi composto inteiramente por convite, e os membros do conselho editorial assinam textos aqui. Preferimos dizê-lo do que deixar que se descubra: uma revista nasce do círculo de quem a faz, e fingir o contrário seria o primeiro erro. A partir do número dois, a revista passa a receber originais em fluxo contínuo — e a decisão sobre o que entra continua sendo do conselho, assinada, sem a cerimônia de um parecer anônimo que esta revista não tem.

Sobre a seção de travessias, uma palavra que o leitor encontrará repetida na abertura: os relatos de experiência com substâncias psicoativas são publicados pelo que fazem com a experiência, nunca como orientação de prática. Suprimimos as dosagens. Mantivemos o resto, inclusive o que há de difícil e de sombrio nesses textos, porque um testemunho higienizado não testemunha nada.

Resta dizer o óbvio. Uma revista é um objeto lento num tempo que não tem paciência para lentidão. Não responde a nada, não acompanha ciclo nenhum. Essa inutilidade é deliberada. Se há alguma coisa que a psicanálise e a filosofia ensinaram a quem faz isto, é que o que não serve para nada costuma ser exatamente o que faltava.

Róbson H. de A. Batista — Natal, setembro de 2026

PARTE I

A nascente

Distinguir os modos de acesso — observar o fluxo, subir o rio, nadar contra a corrente — que o restante do número percorre.

Psicanálise, enteógenos e respiração holotrópica

RÓBSON H. DE A. BATISTA

A psicanálise é como sentar-se à beira de um rio e observar atentamente sua correnteza. Tudo o que passa — folhas, galhos, detritos — são fragmentos do inconsciente emergindo à superfície. Com paciência, interpretamos esses elementos, construindo hipóteses sobre sua origem, sobre o que existe rio acima, na nascente. Nosso trabalho não é forçar a revelação do que está oculto, mas criar um saber a partir dos vestígios que a correnteza nos traz.

Já as práticas de expansão de consciência, como os enteógenos, são como embarcar em um barco motorizado e subir o rio, vencendo suas correntezas para chegar diretamente à nascente. Dependendo da potência da embarcação — isto é, da substância utilizada e da dose —, essa viagem pode ser mais controlada ou mais turbulenta.

Por outro lado, técnicas como a respiração holotrópica são como nadar contra a corrente, utilizando apenas o corpo e a respiração para alcançar a nascente. É um caminho mais lento e exigente, mas que permite uma experiência mais orgânica e controlada. A diferença fundamental está na abordagem: a psicanálise observa e elabora sentido a partir do fluxo natural da mente; os enteógenos e outras técnicas nos levam diretamente à origem desse fluxo.

PARTE II

Travessias

Os relatos reunidos nesta seção são testemunhos de experiência, não orientações de prática. A Critique os publica pelo que têm de elaboração e de escrita, não como referência de uso. Suprimimos deliberadamente as dosagens específicas mencionadas pelos autores: o valor destes textos está no que fazem com a experiência, não no protocolo que a produziu. Advertimos que práticas com substâncias psicoativas envolvem riscos reais — físicos, psíquicos e legais — e que os próprios relatos aqui publicados registram esses riscos com franqueza.

Morrendo para renascer

BRENA MARIA

Quando disse "sim" para mim, não fazia ideia de que estava embarcando na maior aventura da minha vida. Descobrir quem sou não tem sido um caminho linear, mas um labirinto de experiências intensas, onde dor e alívio se misturam, e onde, por diversas vezes, morrer foi a única saída para renascer.

A primeira morte — minha primeira experiência com cogumelos me trouxe uma clareza que eu jamais havia experimentado. O mundo se dissolveu, e eu fui lançada em um universo onde não existia controle. Vi e senti meu corpo ser consumido por vermes, enquanto entendia, com uma certeza inexplicável, que sem um propósito maior somos nada. O medo deu lugar à entrega. A cada lágrima, sentia uma purificação. E então veio a mensagem: "A partir de agora, você é uma nova mulher. Esqueça o que sabe e permita-se ser conduzida."

A morte doce — se com os cogumelos fui levada a um processo profundo, na segunda travessia a experiência foi explosiva. Em segundos, fui arremessada para um universo onde tempo e espaço não existiam. Tudo e nada se misturavam, figuras geométricas dançavam. Morri novamente. Meu corpo foi consumido por formigas, mas, dessa vez, a morte veio com doçura. Quando voltei, senti uma paz profunda, uma clareza mental impressionante.

Dizem que conhecer a si mesmo é uma jornada sem fim. Mas hoje sei que estou mais perto da minha essência do que jamais estive. E, se para renascer for preciso morrer quantas vezes forem necessárias, eu aceito. Afinal, viver de verdade é um constante processo de morte e renascimento.

Relato de travessia

MARIA EDUARDA

O que se repetiu foi a sensação de balançar de um lado para o outro. Alguém do grupo falou sobre usar nosso corpo como um pêndulo, para usar como uma forma de resposta "sim" ou "não". Muito à vontade com isso de balançar, eu pensei "vou testar". É engraçado que mesmo querendo que ela, isso que estava me balançando, escolhesse, eu meio que dava minha opinião sobre, é como se eu já soubesse a resposta e quisesse só uma opinião. Daí esse pêndulo começou a brincar. E foi quando começou a parte psicodélica da coisa.

Ele parava no "sim" e depois ia para o "não", e o balanço foi ficando mais forte. O estranho dessa experiência é porque me lembro um pouco do exorcismo. Acho que se alguém estivesse olhando, ia ficar meio assustado, não sei. Eu não parava de girar a cabeça. Era como se a cabeça só fosse presa ao corpo por uma energia atrativa, como um ímã e era só isso. Daí minha cabeça virou um peão. Eu era o peão, eu assistia o peão. Ele girava nesse corpo que era como uma cuia, não sei. Girava infinitamente. Se eu me rendesse ao fluxo desse giro, conseguia ir para outro lugar.

Era escuro e pensei "não quero ver coisas assustadoras, foca em outra coisa, Eduarda". No meio desse escuro, tinha luz. Daí eu percebi que era a copa das árvores, e a luz entrava por entre esses espaços de uma árvore e outra. E um pássaro cantava. E o vento soprava. É interessante que a cabeça enquanto um peão girando numa cuia era algo bem mecânico e infinito. Fazia até um barulho de máquina. Enquanto isso acontecia, tinha o vento e o pássaro e a luz e a escuridão da copa das árvores. Em um momento isso girou demais, estava descontrolado, daí senti uma pulsação por todo meu corpo. Ela começou gigante e foi diminuindo e desaparecendo na minha barriga. Daí voltei para cá e acabou. Deu um cansaço bom, como se eu tivesse usado um tipo de energia diferente. Tô bem zen, meio que viajando. Tive muita sede e fome logo que acabou.

25 de novembro de 2024

Cadernos de consagração

CARLOS VILLANOVA

MOVIMENTO I

Primeira consagração

Foi tão interessante e "engraçada" a minha primeira consagração. Primeiramente, veio de forma muito intensa essa conexão com a Fonte, revelando que tudo é uma coisa só. Posteriormente, ocorreu um diálogo entre mim e o que chamamos de Eu Superior. Depois de ter sido revelado que tudo não passa de uma única energia, meu Eu Superior perguntou: que medicina é essa que você está consagrando? Respondi mentalmente que se tratava de ayahuasca. De imediato, vinha a resposta: ayahuasca não existe, só a Fonte existe! Logo depois, perguntou: quem é que está falando? Eu respondi: sou eu, Carlos, quem está falando! Veio a seguinte resposta: assim como todas as outras coisas, Carlos também não existe, só a Fonte é! Isso tudo muito rápido, minha noção de tempo linear desapareceu completamente. Foram dezenas de diálogos dessa mesma forma.

MOVIMENTO II

Linhas de sintonia

Há alguns meses tenho utilizado a radiestesia como minha aliada na dosimetria das medicinas. Todas as minhas dosagens e dias de consagração são verificados, previamente, mais de uma vez. Tenho consciência de que era uma dosagem bastante alta. Em momentos, durante a experiência, tive a lucidez de perceber que, a depender da pessoa que esteja sendo submetida a tal dosagem, poderia facilmente entrar em um processo de surto ou até mesmo colocar a vida em risco, sem

exagero. Por essa razão, é necessário ter cautela máxima, notadamente, quando da utilização de dosagens mais elevadas.

Em muitas oportunidades, no transcurso da experiência, precisei bancar energeticamente minha lucidez, ancorar aqui na terra para não me perder. É muito intenso, de verdade.

Foi uma experiência bem disruptiva, pois o que é muito difundido é o poder de atração ou, também, a capacidade de cocriação. Na verdade, de acordo com essa última experiência, seria apenas um acessar. O trabalho seria encontrar a sintonia perfeita, a chave.

Manter a vibração elevada seria o principal desafio inicial. A manutenção desse quadro vibratório elevado propicia mais clareza de como acessar com lucidez.

9 de setembro de 2025

Relato de experiência enteógena: Wachuma

RÓBSON H. DE A. BATISTA

No dia 14 de julho de 2024, decidi consagrar Wachuma na casa onde cresci, em uma pequena comunidade no interior do Rio Grande do Norte. Preparei um chá com o cacto desidratado e mel. Pela manhã, fui à praia com minha mãe e meu filho. Tomamos banho de mar e voltamos caminhando sob o sol quente e queimando os pés descalços. Em casa, uma brisa suave me arrepiou a pele.

Minha avó me chamou para conversar, e percebi algo diferente: sua pele parecia uma aquarela, cheia de nuances e cores. Ela questionou minhas escolhas e perguntou por que abandonei uma prática clínica que era financeiramente recompensadora. Não tinha uma resposta clara, mas ao refletir, chorei — não de tristeza, mas de alívio e indignação: "Não me permito lucrar com uma prática onde a indústria farmacêutica e os técnicos da saúde mental são os maiores beneficiados. Não farei parte disso."

Mais tarde, levei meu filho de carro até "O Oco da Cobra", uma rua à beira-mar, no final de uma íngreme ladeira de paralelepípedos. Sob a sombra de uma algaroba, enquanto ele brincava, fiquei imerso em dilemas internos. Raul, então, me olhou e disse: "Olhe pra cima, papai, pro céu!" A cada pensamento confuso que surgia, ele repetia o mesmo conselho.

Raul começou a caminhar pela praia, e em vez de trazê-lo de volta, resolvi segui-lo. Ele encontrou crianças de várias idades e, timidamente, foi convidado a brincar. Sob outra algaroba, vi a simplicidade da infância, um espaço democrático onde tudo se conecta. Uma menina, Isabela, o convidou para sua casa. Lá, vi Raul brincando com um cachorro.

Aquela casa havia sido da tetravó (Ana), trisavó (Francisca), trisavô (Aluízio) e bisavó (Ivone) de Raul. Percebi o contínuo de seis gerações e compreendi o motivo de estar ali: meditar sobre ancestralidade e transmitir a meu filho e a mim mesmo o poder dos laços que conectam o passado ao presente.

PARTE III

A terra como corpo

A herança colonial e a exploração da natureza

RADAMÉS ESCÓCIO

A exploração intensiva dos chamados "recursos naturais" tem sido uma marca da relação colonial com a natureza, desde a invasão do território que hoje chamamos de América. Essa extração predatória foi implantada de forma explícita pelos colonizadores, ignorando completamente os povos locais e suas conexões profundas com o meio ambiente.

O que os colonizadores chamavam — e ainda chamam — de "recurso natural" revela uma visão utilitarista da natureza, que desconsidera outras formas de existência e relação com o mundo natural. Com o tempo, esse pensamento colonial foi sendo naturalizado e passou a ser aceito como modelo de sobrevivência. Como consequência, a relação do ser humano com a natureza tornou-se majoritariamente exploratória e destrutiva.

O ativista indígena Ailton Krenak considera o Antropoceno uma época em que a humanidade está intimamente ligada à desestabilização ecológica. Para ele, o apego a uma ideia fixa de humanidade e de paisagem da Terra é uma das marcas mais profundas dessa era.[1] Sob essa ótica, o homem moderno transformou a Terra em um objeto de contemplação estética ou de exploração econômica. Ao fazê-lo, nós nos colocamos fora da paisagem, como espectadores em um teatro, esquecendo que somos o próprio ecossistema. Esse modelo colonial e utilitarista dificultou profundamente o processo de decolonização do pensamento ambiental, distanciando-nos da nossa essência biológica e tornando muito mais difícil reconstruir uma relação harmônica, horizontal e vital com a natureza.

1 KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019, cap. "A humanidade que pensamos ser".

PARTE IV

O sagrado no ordinário

Caderno de Maria Eduarda. O sagrado deslocado do êxtase para o cotidiano: o composto lácteo, o tempo, o tédio.

Amido mal intencionado

MARIA EDUARDA

A doença está nesta comida, nessas roupas, nessas paredes: todas malfeitas.
Com materiais ruins, sem intenção, sem criatividade.

A doença está nesse leite condensado que, na verdade, é composto lácteo.
Eu recorro ao açúcar, aos doces — não por prazer, mas por falta.
O açúcar tem algo de alegria, sim, mas quando o equilíbrio foge, ele se aproxima mais da sede, da carência, da ansiedade.

É triste um leite condensado que, na verdade, é só amido.
No meu pouco entendimento sobre dietas e nutrição, amido rima com glúten, que rima com barriga inchada, que me lembra o "segundo cérebro" — ou talvez o primeiro.
Que lembra desequilíbrio, que lembra emoções, que lembra desespero.

A doença está nesse jeito malfeito.
Nem fazem mais — empurram. Goela abaixo.
É como se você chorasse e, para te calar, te oferecessem chocolate, doces...
quando o que você queria mesmo era um colo.

Mas a cura está nessa comida também.
Naquela feita com amor, compartilhada com quem nos faz bem.
No brigadeiro de panela que ainda conserva o carinho. O gesto. O afeto. O colo.

Mas a doença não está só na comida.

Está no tempo.
Na forma como vivemos.
Na pressa que engole tudo e não devolve nada.
No modo de vida que nos adoece antes mesmo do café da manhã.

A doença está nesse jeito estranho de fazer as coisas hoje.
É uma prisão perpétua.
Quando você vai ver, já está preso em boletos, no próximo mês de salário, nas próximas parcelas.
Quando você vai ver, eles te engoliram — e você acha que está livre.
Quando você vai ver… já passou.

Mas a cura está nos sussurros.
No silêncio.
No estar.
No não aceitar o composto lácteo acreditando que é melhor só porque é mais barato.
Afinal, está tudo caro.
Mas há coisas que, mesmo caras, custam muito pouco: presença, tempo, toque, cuidado.

Espero que você não vá ver tarde demais.
Espero que você veja — e lute, do jeito que for possível, pela cura.
Pelos agoras. Pelas pessoas. Pelas árvores. Pelos bichos. Pelas crianças.
Por você.

Construções em análise: desconstruindo o patriarcado

MARIA EDUARDA

I

Se juntar muitos homens, ainda não dá um.
De vez em quando, os grupos, os bandos, cospem um homem.
Um homem sábio, calmo, equilibrado.
Ele escuta. E senta ao lado.

II

As mulheres: não é preciso juntar muitas para dar uma mulher. Uma só — de qualquer tipo, tamanho ou idade — já é uma em sua totalidade. Imatura, madura ou sábia.

As mulheres. Engraçado (a vida não vai ficando fácil — vai ficando engraçada).

As mulheres sábias riem dos homens. Cuidam deles: os velhos, as crianças, os médios. Não brigam, não destroem. Cuidam. Elas sabem que também são crianças.

III

O céu, com suas nuvens de cogumelos, suas nuvens que parecem grandes cascatas da vida.
Embaixo: homens. Jovens, velhos, médios. Um monte deles. Jogando bola, com vento na cabeça, correndo.
Eu, sentada, comendo uma salada, vejo tudo isso e sinto vontade de dar um peteleco neles.
Tempos, minutos atrás, eu queria destruí-los.
São pessoas também.
Daí comecei a rir. De desespero? De tédio.
Eu sou um grande tédio. Uma vontade de vomitar sem vomitar.
A vida é isso.

17 de abril de 2026

PARTE V

Elaborações

Depois da experiência, o conceito.

Todas as grandes realizações humanas transbordaram

RAFAEL FALCÃO

Todas as grandes realizações humanas transbordaram dos afetos mais profundos que atravessam a experiência de estar no mundo. Antes de se converterem em obras, instituições, projetos políticos, invenções científicas ou gestos de cuidado radical, elas foram sentimentos — muitas vezes silenciosos, ambíguos, mal nomeados — que encontraram na linguagem uma via de expressão. Entre esses afetos, a saudade ocupa um lugar singular: não apenas como lembrança do que se perdeu, mas como presença insistente do que continua a nos habitar mesmo após a ausência.

A história humana, quando observada para além de suas cronologias oficiais, revela-se como uma sucessão de tentativas de elaboração da perda. A morte de pessoas queridas, a ruptura de mundos simbólicos, o colapso de modos de vida e de horizontes de sentido não permanecem confinados à interioridade dos sujeitos. Ao contrário, transbordam. E esse transbordamento pode assumir formas criadoras — arte, educação, ética, solidariedade — ou formas destrutivas: violência, ressentimento, autoritarismo, aniquilação do outro. O que distingue esses caminhos não é a presença ou ausência do sofrimento, mas o modo como ele é simbolicamente elaborado ou socialmente silenciado.

Vivemos em sociedades que, de modo recorrente, escamoteiam o sofrimento humano. A dor é privatizada, patologizada ou convertida em fracasso individual. Perdas devem ser superadas rapidamente; o luto, abreviado; a saudade, contida. Nesse contexto, a impossibilidade de nomear, narrar e compartilhar a experiência da perda não elimina o afeto — apenas o desloca. Aquilo que não encontra linguagem retorna sob a forma de repetição, endurecimento, agressividade ou indiferença. O sofrimento não elaborado não desaparece: ele se organiza, ganha corpo social, infiltra-se em discursos e práticas, molda projetos de mundo.

É nesse ponto que a educação se torna uma questão decisiva. Não como espaço terapêutico, mas como instância simbólica privilegiada de

mediação da experiência humana. Toda prática educativa, queira ou não, opera sobre afetos. Toda sala de aula é atravessada por histórias de perda, ausências, lutos visíveis ou subterrâneos. Ignorar essa dimensão não torna a educação neutra; ao contrário, contribui para a reprodução de uma cultura de silenciamento que empobrece a experiência e fragiliza os vínculos sociais.

Formar professores, portanto, não é apenas transmitir métodos, conteúdos e técnicas didáticas. É também formar sujeitos capazes de reconhecer a densidade afetiva que atravessa os processos de aprendizagem e de relação com o saber. Trata-se de um letramento emocional crítico, entendido não como gestão individual das emoções, mas como capacidade de acolher, nomear e elaborar, pela linguagem, experiências que dizem respeito à condição humana compartilhada. Quando a escola se recusa a ouvir a dor, ela não a neutraliza — apenas a desloca para outros lugares, muitas vezes mais perigosos.

As grandes realizações humanas, para o bem e para o mal, nascem exatamente desse ponto de inflexão: do encontro entre afetos profundos e as formas simbólicas disponíveis para elaborá-los. Onde há linguagem, narrativa, memória e responsabilidade, o sofrimento pode se transformar em criação, cuidado e compromisso ético. Onde há silêncio imposto, negação e esquecimento forçado, ele tende a se converter em ressentimento e violência. Pensar a saudade, o luto e sua elaboração no campo da educação é, portanto, pensar as condições de possibilidade de futuros mais ou menos humanizadores.

Este ensaio parte dessa aposta: a de que compreender a educação como espaço de elaboração simbólica do sofrimento não é um luxo teórico, mas uma exigência histórica. Em tempos marcados por crises múltiplas, pela intensificação das desigualdades e pela fragilização dos vínculos sociais, formar professores capazes de sustentar a escuta, a palavra e a responsabilidade diante da dor do outro torna-se um gesto político fundamental. Afinal, aquilo que não encontra lugar para ser dito na escola continuará a transbordar — e a história já nos mostrou, inúmeras vezes, o quanto esse transbordamento pode custar.

Pra que serve uma psicanálise?

RÓBSON H. DE A. BATISTA

Serve pra você trocar um sofrimento mudo e paralisante por uma infelicidade qualquer, dessas que a vida já entrega de graça. É um bom negócio.

Serve pra você se desvencilhar do outro. Parar de viver um roteiro que não é seu. Descobrir o que você quer quando ninguém está olhando, torcendo ou exigindo.

Serve pra você aprender a habitar seu próprio vazio sem pânico. A conviver com a falta que não some, com a incompletude que é sua herança de humano. Não se trata de preencher, mas de se acomodar no oco.

Serve pra você fazer as pazes com seu sintoma. Entender que aquilo que te enlouquece também te constitui. A cura não está em erradicar, mas em decifrar a mensagem torta que você mesmo insiste em enviar.

Serve, no fim das contas, pra você assumir a paternidade da sua própria história. Parar de culpar os fantasmas e bancar suas próprias escolhas. É um processo de assinar embaixo: do seu desejo, do seu fracasso, da sua solidão essencial.

É pra você poder dizer, por pior que esteja: essa bagunça é minha. E eu me responsabilizo por ela.

16 de outubro de 2025

Fecho

Portais, vozes e respiração

MARIA EDUARDA

Era carnaval. Há uns 10 anos. Estávamos vivendo perto da praia — sempre nos mudávamos para perto do mar no início do ano. Tinha churrasco, criança correndo e adulto rindo. Minhas irmãs estavam brincando na água, elas eram barulhentas e bagunceiras. Num dado momento, olharam para mim e disseram: "a gente deu um giro duplo embaixo d'água!" Parecia uma grande descoberta, mas eu não dei muita atenção; elas faziam muita bagunça e eu não queria interagir.

Então mergulhei, mas eu não mergulhei ali, eu mergulhei em outro lugar. Não existia eu, aquela casa ou aquelas pessoas. Engraçado, a água de uma piscina pequena na Redinha era um portal. Mergulhei e deixei de ser eu por uma eternidade. Mergulhei e não existiam palavras, o hoje ou o final do carnaval. Mergulhei e eu era a água, eu era os raios de sol refletidos embaixo d'água. Mergulhei e eu era o mar, num giro lento e infinito. A trilha sonora era o canto das baleias distantes.

Mergulhei e uma voz me disse: "respirar". Comecei a sair daquele estado lento e infinito me questionando "hãm? O que está acontecendo? Por que a água está assim?", e a voz continuou: "você precisa respirar". Falava como se estivesse se perdendo nesse infinito lento, como se fosse levada pelo vento, pelas ondas.

Então, o caos se instalou. Percebi que precisava mesmo respirar. Nadei mais para baixo, em vez de para a superfície. Engoli água. Quando finalmente respirei, minhas irmãs disseram: "viu?! Você fez um giro duplo!". Não sei se estávamos falando do mesmo giro duplo.

Eu tentei mergulhar muitas vezes depois: naquela piscina, em outras, no mar. Entrei num estado de desespero por uns dias, querendo voltar para aquele lugar. Ali, eu conheci a voz. A voz que diz uma palavra ou uma frase curta que faz um clique na cabeça; que traz um novo ângulo. Anos depois descobri que eu precisava mesmo respirar. Que respirar era o caminho, a pergunta e a resposta.

Hoje vejo que eu não tinha como voltar para aquele lugar assim: desequilibrada. Você precisa respirar.

26 de maio de 2025

Uma revista é um objeto lento. Não responde a nada, não acompanha ciclo nenhum. A Critique nasce em Natal, de um círculo pequeno, para publicar o que a psicanálise, a filosofia, a arte e a política têm em comum quando param de se explicar: a experiência que ainda não virou palavra. Este primeiro número se chama Sacra Experiência porque toda experiência, quando é de fato experiência, é separada — e é dessa separação que se escreve.



NÚMERO 1 · 2026